

## MEMÓRIAS DO FAZER-SE PROFESSOR(A) EM ESCOLAS MULTISSERIIDAS NO OESTE DE SANTA CATARINA: MUNICÍPIO DE XAXIM<sup>□</sup>

**Elison Antonio Paim**

Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor no curso de História da Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ e responsável pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina.

E-mail: elison@unochapeco.edu.br

**André Detoni**

Acadêmico do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ.

E-mail: andre\_d@unochapeco.edu.br

### Resumo

Na região Oeste de Santa Catarina, as atividades educacionais foram sendo formalizadas com o processo de colonização a partir do primeiro quartel do século XX. Nos primeiros tempos as atividades educacionais aconteceram apenas em algumas comunidades nas quais pessoas de forma individualizada preocupavam-se com a escolarização. Em algumas comunidades, especialmente naquelas de descendentes de alemães, foram sendo construídas as primeiras salas de aula em que se ensinava em dialetos das línguas de origem, pois havia uma quase total ausência do Estado enquanto promotor da educação até a década de 1940. Com a Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro proibiu que os imigrantes e seus descendentes falassem em suas línguas e dialetos de origem. A partir de então, intensificaram-se as preocupações governamentais em dar uma educação mais formal para que, entre outras coisas, os alunos fossem ensinados a falar português. Nesta pesquisa procuramos através de lembranças dar visibilidade aos sujeitos realizadores da escolarização – os professores. Os dados foram buscados através de depoimentos orais.

**Palavras-chave:** Memória. Experiência. Fazer-se Professor. Escolas Multisseriadas.

## MEMORIES OF BECAME TEACHER IN THE SANTA CATARINA'S WEST MULTISERIALIZED SCHOOLS: TOWN OF XAXIM

### Abstract

In western Santa Catarina, educational activities were formalized with the colonization process in the first quarter of the 20th century. In the beginning, the educational activities happened just in some communities in which some individuals cared about schooling. In some communities, especially in those ones that had German descendents, was built the first classrooms where teachers taught in dialects, the original language, because there was an almost total lack of attention by the State as a promoter of education until the 1940s. With the outcome of

World War II, the Brazilian government forbade the immigrants and their descendents to speak in their original languages and dialects. Then began the government's concern about giving education to these students, so that they would be taught to speak Portuguese. Through this research we try to make visible the individuals who made this education possible – the teachers. The data was gathered through oral testimonies.

**Keywords:** Memory. Experience. Becoming a Teacher. Multi-Grade Schools.

## INTRODUÇÃO

Apresentamos neste texto parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla que objetivou compreender como se constituem e quais são as memórias dos sujeitos educacionais sobre o fazer-se professor(a) no Oeste de Santa Catarina a partir do processo colonizatório do início do século XX. O enfoque desse projeto associado foi registrar memórias dos docentes que atuaram no ensino em escolas multisseriadas no município de Xaxim. A coleta de dados deu-se através de depoimentos orais gravados com seis professores, aposentados, que trabalharam em escolas multisseriadas. Os sujeitos responderam a questões relacionadas aos seguintes pontos: como foi sua escolha profissional e o porquê; como se deu o seu fazer-se professor, sua formação inicial, cursos de capacitação, pontos importantes de sua formação, até que série estudou; o início da carreira, suas dificuldades, necessidades; como eram desenvolvidas suas aulas, o seu preparo, os materiais utilizados; e a relação com alunos e comunidade.

Na contemporaneidade, muito se tem pensado, debatido, produzido e escrito sobre memória, procurando decifrar seus enigmas, suas características, diferenças, semelhanças, aspectos coletivos e individuais, as diferentes formas de concebê-la, entendê-la, defini-la. Memória tem sido pensada como seleção e sempre seleciona os eventos de forma individual (na relação com o social), pois depende de como cada um conta o que viveu. A memória individual vai depender sempre do social. O social entendido pelas relações com “a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p.54).

Pinto (1998) afirma que a memória, por ser flexível, permite a combinação entre o individual e o coletivo. Mesmo sendo pessoal, é sempre apoiada em referenciais coletivos. Para o autor, a memória é como um caleidoscópio, “permite, num giro, lento ou súbito, uma nova combinação dos cristais da lembrança; como um receptáculo, garante que de tudo fica um pouco” (p.207).

Em contraposição à idéia de que não existe mais memória após a constituição da História, pautamo-nos nas considerações de Benjamin (1994) quando forja o conceito de memória na relação com as experiências vividas. Para ele, o historiador faz uma construção

narrativa na relação com um outro tempo que não são os tempos contínuos, vazios e homogêneos. O tempo da rememoração é um tempo vivo que propõe a salvação e não a redenção dos sujeitos que rememoram.

Para Chauí (1993) o ato de lembrar não é reviver, mas re-fazer. Ao lembrar refletimos a partir do outrora, refazendo, revivendo, recriando, construindo com o nosso tempo e não simplesmente trazendo o vivido. O modo de lembrar é individual e social, simultaneamente. Existem memórias do grupo que são guardadas; porém, quem lembra individualiza as lembranças comuns ao grupo, no que lembra e em como lembra. Ainda nessa perspectiva de considerar as lembranças como sociais, destacamos afirmação de Lowenthal: “Na verdade, precisamos das lembranças de outras pessoas tanto para confirmar as nossas próprias quanto para lhes dar continuidade” (1998, p.81).

Edward Thompson propõe pensarmos a sociedade através das experiências, pois “homens e mulheres experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades” (1981, p.182). Considerar essas questões é fundamental para que se possa discutir a formação humana junto com os sujeitos formadores, levando-se em consideração o que os formadores pensam, como vivem, quais experiências têm para contar, que metodologias desenvolvem, que relações fazem entre teorias e práticas cotidianas.

Com a perspectiva de analisar experiências, Gómez Pérez (2001, p.164) fala de uma cultura docente, ou seja, os professores desenvolvem também elementos de uma cultura própria:

Como conjunto de crenças, valores, hábitos e normas dominantes que determinam o que este grupo social considera valioso em seu contexto profissional, assim como os modos politicamente corretos de pensar, de sentir, de atuar e se relacionar entre si (...). A cultura docente se especifica nos métodos que se utilizam na classe, na qualidade, no sentido e na orientação das relações interpessoais, na definição de papéis e funções que desempenham, nos modos de gestão, nas estruturas de participação e nos processos de tomada de decisões.

Outra dimensão que é focalizada pelo autor acima é a da cultura experiencial, através da qual ele abordou aspectos da experiência dos sujeitos, que desenvolvem suas singularidades de forma individual mas numa dimensão de coletividade.

Com o aparecimento das primeiras escolas na região, conseqüentemente surgem os professores, pessoas da própria comunidade, um pouco mais instruídas do que as outras, que então assumem este trabalho de ensinar as crianças. Elas pessoas não tinham nenhuma formação em instituições de ensino; ao iniciarem a vida docente foram aprendendo a lecionar no dia a dia. Estas experiências colaboraram para o fazer-se professor das pessoas que

frequentavam as salas de aula com a intenção de ensinar. Como não tinham instrução, inventavam, inovavam, criavam metodologias para o processo de ensino-aprendizagem.

Com as experiências dos professores sujeitos da pesquisa, entendemos a metodologia e o funcionamento das primeiras escolas multisseriadas no oeste catarinense, especialmente em Xaxim. Estas metodologias de ensino e o modo como foram tornando-se professores nos remete à maneira de falarmos das respectivas formações para o chamado fazer-se professor. Nesse sentido, Paim (2005) questiona a perspectiva de formação de professores, pois geralmente ela nos dá a ideia de que formar alguém é definitivo, que a forma de fazê-lo está preestabelecida, convencionada, faz com que não tenham autonomia suficiente para lidar com problemas que ocorreram internamente e externamente à sala de aula. Em contrapartida, a perspectiva de formação propõe pensarmos que existe um fazer-se professor. Assim:

Fazer-se professor implica em ruptura com muito do que está instalado e vem sendo praticado ao longo da história da formação de professores. Apresenta-se numa perspectiva de negar a estrutura vigente, propõe que pensemos a partir das ruínas e não de forma determinista, assim a formação de professores descortina-se como um imenso campo de possibilidades. (...) o profissional que sai das universidades com autonomia suficiente para que possa ser sujeito do processo educacional, que seja autônomo e se perceba produtor de conhecimentos em conjunto com seus alunos, respeitando as diferenças, especificidades, que os compreenda como possuidores de saberes que precisam ser respeitados (PAIM, 2004, p.158).

Com isso, ao narrarem a sua vida, os sujeitos depoentes falaram das dificuldades e aprendizados que tiveram. Também demonstraram grande preocupação com o aprendizado dos alunos, exigindo preparo e conhecimento para lecionarem nos ambientes mais adversos. Devido à exigência de preparo os professores entrevistados relatam que procuraram aprimorar os conhecimentos, fazendo cursos de aperfeiçoamento e magistério, mais tarde alguns fizeram ensino superior. A experiência relatada por cada professor nos mostra que o modo como se tornaram professores, as metodologias de ministrar e as estruturas das escolas são relativas, necessitando de diferentes perfis de professores, o que faz com que as experiências narradas evidenciam o fazer-se professor, contrapondo-se à formação de professores.

Assim, ao iniciar a profissão de lecionar foram fazendo-se professores e não foram formando-se professores, porque revelam que conforme as aulas iam ocorrendo, iam aprendendo e aperfeiçoando-se; ocorria assim uma formação contínua, como se refere Paim (2005) ao falar do fazer-se professor, como um processo contínuo, que ocorre ao longo de toda uma vida e não apenas num dado momento ou lugar. Possibilita pensarmos na incompletude do ser humano e no seu eterno fazer-se.

Os relatos apresentados a seguir mostram a situação da educação no oeste de Santa Catarina na segunda metade do século XX, quando foram criadas as primeiras escolas nas comunidades rurais, chamadas escolas multisseriadas isoladas. É possível analisar o início de carreira dos professores, que assumiam a sala de aula sem formação nenhuma, as metodologias que utilizavam para proporcionar a produção do conhecimento e as estruturas das escolas da época. As características citadas tornam-se presentes na história da educação do oeste catarinense, dando início à educação formal.

## OS SUJEITOS

Foram entrevistados seis professores de diferentes idades e espaços, cinco deles maiores de 60 anos e uma professora com menos de 60 anos, aposentada como os outros. Todos residentes no município de Xaxim, tanto na zona rural quanto urbana. Sua narração colabora para a preservação da memória, sendo possível fazer levantamentos sobre as experiências dos professores na vida docente e no fazer-se professor que demonstram as diferentes situações.

Um dos entrevistados é o senhor Olímpio Scheibel, de 63 anos de idade. Ele veio para as terras catarinenses em 1945, com seis meses de idade, migrando de Aratiba/RS, cidade onde nasceu, para a comunidade Santa Lúcia no interior de Xaxim, onde morava com seus pais. Estudou no interior, onde fez o primeiro grau, o antigo primário. Onze anos após ter parado de estudar começou a lecionar em uma escola multisseriada chamada Monte Belo. Mais tarde procurou se aperfeiçoar cursando o ginásio, e alguns anos mais tarde, entre 1976 e 1978, fez o magistério no município de Xanxerê/SC, no Colégio Estadual Costa e Silva. Mesmo lecionando sem formação, sempre se dedicou para dar aos alunos o melhor conhecimento possível: *“Comecei a dar aula praticamente xucro na área, mas eu fui aquele professor que sempre busquei dar ao aluno conhecimento melhor possível”*.

Dando sequência às entrevistas, conversamos com a professora Zélia Cecatto, que com seis anos de idade migrou do Rio Grande do Sul para Santa Catarina junto com seus pais em busca de terras melhores. Chegando ao município de Xaxim foi morar no interior, na comunidade de Anita Garibaldi, local em que Zélia começou a estudar no primário, mais ou menos com nove anos de idade, devido a alguns problemas de saúde. Fez o ginásio no Colégio Gomes Carneiro, escola estadual, presente na zona urbana de Xaxim. Mais tarde fez o segundo grau na Escola Estadual Neusa Massolini. Começou a lecionar na comunidade de Rui Barbosa II quando tinha 19 anos, após concluir a oitava série; esta incluía matérias que capacitavam o aluno a ser professor, como didática e psicologia. Mais tarde e atuando em

outra escola, Zélia fez Pedagogia na Faculdade de Palmas – Paraná, faculdade que era frequentada por alunos da região, como ela nos relatou: *“A maioria daqui, da nossa região todos eles foram pra Palmas, naquela época não tinha outra faculdade em volta...”*

Outra entrevistada foi a professora Iracema de Marco, que estudou e lecionou em escolas multisseriadas. Iracema fez o primário numa escola multisseriada e o ginásio em Coronel Freitas, cidade vizinha de Xaxim. É formada em ensino superior pela Faculdade de Palmas, Licenciatura em História. Começou a trabalhar em 1971 em Escola Multisseriada da Linha Chinep até aproximadamente 1976. Iniciou os trabalhos com 19 anos de idade estando na segunda série do segundo grau. Lecionou para turmas de segunda a quarta série. Quando saiu da escola multisseriada, que era municipal, acabou efetivando-se em uma escola pública estadual.

O entrevistado Ângelo Priori, atualmente com 71 anos de idade, juntamente com seus pais migrou do Rio Grande do Sul para Santa Catarina em busca de terras melhores. Também esteve em posição de aluno e professor em escolas multisseriadas, como ele mesmo conta: *“Eu nasci na época era município de Erechim no Rio Grande do Sul, hoje é município de Ponte Preta. Eu nasci em 18 de julho de 1938 e a gente se criou praticamente lá, até os 16 anos e a gente frequentou aquelas escolas também de... de as quatro séries juntos”*. Acabou morando na comunidade de Antônio Prado, interior de Xaxim, lugar em que iniciou as atividades dentro da sala de aula em 1961. Acabou mudando-se para a comunidade de Santa Lúcia por cerca de 30 anos e depois veio para a cidade, onde reside hoje. Seu Ângelo começou a lecionar com 21 anos de idade portando apenas a quarta série, admitindo não ter sido fácil no início: *“(...) E ali a gente foi tocando. Imagina começava lá com quatro... com quatro séries e a gente tinha um pouco de experiência assim, mas não foi fácil”*. Mais tarde se aperfeiçoou fazendo cursos, em 1972, em Xanxerê, para concluir a oitava série, e de 1973 a 1975 em Chapecó no Colégio Estadual Bom Pastor, durante as férias, o Curso Normal. Além de lecionar também cuidava da roça, o que lhe trazia uma renda extra, pois enfrentava dificuldades para se manter apenas com o salário de professor. Então aproveitava a força que tinha para trabalhar e “tocar o barco”, muitas vezes ficando sem dias de lazer, como ele narrou:

A gente cuidava da roça, cuidava de porco tinha algum gado também, a gente cuidava porque tinha que aproveitar. A gente não... a gente não... saiu de casa e a gente não ganhou nada dos pais, precisava estudar, precisava tocar o barco e a gente se desdobrava. A gente era novo, a gente trabalhava não tinha problema não e eu toquei o barco e a gente não... Tinha umas terras meio dobradas, era difícil, mas se aproveitava tudo o que era hora, eu passei 3 anos que eu não sabia o que era descansar um domingo, daí eu quis

construir e me obriguei a fazer financiamento e daí eu tocava o barco direto, sala de aula e nos domingos e sábados de tarde na roça, nós trabalhamos... nós trabalhamos.

Os dois outros professores entrevistados – José Arlindo Flach que nasceu em 1941 e Neiva Flach, 1948 – são um casal, possuem dois filhos e residem na vila Diadema, que faz parte do território xaxinense. José Flach veio para Xaxim em 1964 devido a dificuldades em se “manter” que enfrentava na sua cidade natal, Aratiba/RS. Quando chegou em Xaxim já possuía experiência em lecionar, pois começou os estudos em congregações religiosas que formavam professores: *“Eu na verdade saí criança ainda de casa. Fiquei 12 anos no colégio dos Irmãos lassalistas. Estudar pra Irmão lassalista e o objetivo deles era professor e tal”*.

Instalando-se em Xaxim foi professor de segundo grau, professor em escola multisseriada e inspetor escolar. Este cargo era de grande responsabilidade, abrangia as questões pedagógicas até questões financeiras, ficando também como mediador entre a escola e a Secretaria de Educação, assim: *“Esse inspetor escolar fazia um relatório que ia para a secretaria e eles eram digamos assim... também alguém lia e verificava e fazia observações, mandava recomendações, críticas também no caso quanto ao trabalho do inspetor e a ser passado depois para as escolas”*. Durante sua carreira na educação fez vários cursos, inclusive Faculdade de Pedagogia em Palmas - PR e Especialização em Administração Escolar.

A professora Neiva Terezinha Flach nasceu em Guatambu/SC, filha do escrivão Antônio Rodrigues da Silva; estudou em várias escolas da região, São Carlos, Saudades e depois Chapecó, até concluir o curso e ir tornando-se professora. Fez magistério em 1977 no Colégio Estadual Bom Pastor em Chapecó, era o chamado Ginásio Normal, o qual segundo ela diferenciava-se do ginásio devido às matérias de Psicologia e Pedagogia. Logo após acabar o magistério Neiva voltou a Guatambu para lecionar. Quando casou com José, foi morar em Xaxim. Então, solicitou transferência de Guatambu para Xaxim. Foi designada para trabalhar na comunidade de Limeira, também interior. Em seguida conseguiu transferir-se para a Vila Diadema para lecionar na escola multisseriada da vila.

## A “ESCOLHA” PROFISSIONAL

A maioria dos professores entrevistados relatou que se tornar professor surgiu da necessidade da comunidade em ter alguém para ensinar as crianças. Muitas vezes, ocorria a falta de professor na região ou os professores acabavam realizando outras atividades para melhorar a remuneração, o que os transferia para outras regiões.

As comunidades procuravam as pessoas que mais dominavam os conteúdos ou as que simplesmente aceitavam ministrar as aulas, para assumir o lugar do professor. Como é o caso do senhor Scheibel, que fala sobre o início da carreira: *“Isso surgiu dá pra se dizer assim, do nada, o professor que estava na região na época saiu, mudou-se pra outro lugar e ficou sem professor. Ai eu decidi, mas eu vou dar aula e comecei assim a dar aula. Vim pra um encontro que era uma reunião de escolha de professor, né? Me apresentei e comecei a dar aula somente com a 4ª série do primário”*.

A escola em que Scheibel iniciou, substituindo o professor que saiu, era estadual no município de Xaxim, então ele se apresentou no órgão responsável por convocar os professores para lecionar e lá assumiu o compromisso.

Para a distribuição das aulas no começo do ano as pessoas interessadas em lecionar se apresentavam em uma reunião, que possivelmente era realizada na Secretaria de Educação municipal, como contou o professor Olímpio: *“Todo começo de ano havia uma reunião, convocava-se todos os professores, então quem queria dar aula... e eu me apresentei como*

*professor pra dar aula nessa escola juntamente com os demais, não houve nenhum outro candidato fiquei na escola, assumi o compromisso dar aula”.*

O professor Ângelo foi procurado pela diretora da escola para “*se eu quisesse... se queria assumir aquela escola porque o professor era meu cunhado, o professor que trabalhava lá ele saiu e a escola ficou assim... não tinha quem assumisse e daí eu resolvi e peguei aquela escola*”. Quando resolveu assumir as aulas, tinha estudado apenas até a quarta série, enfrentando então problemas por não ter experiência em lecionar e problemas estruturais da escola, que se apresentava em péssimo estado. A escola em que começou a lecionar na década de 1960 era na comunidade de Antonio Prado. A prefeitura era a responsável pelo pagamento do salário dos professores; mais tarde, o professor mandou a documentação e passou a receber do Estado.

Esses acontecimentos acabam mostrando como era grande a falta de pessoas com qualificação para atuar em sala de aula, fazendo com que integrantes da comunidade sem experiências em lecionar se dispusessem a assumir o cargo de professor.

A professora Iracema de Marco falou de sua escolha profissional, argumentando que dois motivos a encaminharam para a vida de professora:

“Eu digo dois motivos, um deles porque eu realmente... eu gostava... aquela coisa de corrigir o caderno do aluno, de ver aonde ele errou, de arrumar, de fazer a coisa certa foi um dos objetivos. E um segundo foi que realmente a gente era filho de famílias pobres, não existia outro recurso, naquele tempo a mulher não trabalhava fora de casa e daí eu era uma criança bastante doente, até na época meus pais diziam que eu não servia, então como eu não servia para a roça, eles me deixaram ir para a escola”.

Como Iracema citou, gostava de corrigir cadernos e encontrar os erros para depois arrumar; isso fez com que fosse muito dedicada aos estudos, repetiu a quarta série três vezes para não parar de estudar, pois na comunidade onde morava não existia escola e não poderia se deslocar para outra comunidade ou para a cidade. Além da vontade de estudar, foi dispensada das atividades da roça devido a problemas de saúde na infância, ganhando assim a oportunidade de estudar. Como apareceu a oportunidade de lecionar, se interessou “*e fui ser professora por... porque foi um dos primeiros trabalhos que me apareceu e que deu assim um ganho financeiro que podia assim custear certas coisa da casa, da família e do dia a dia da própria escola*”.

A professora Iracema lembrou seu primeiro salário como professora:

Eu me lembro até hoje, o meu primeiro salário como professor foi 232 mil cruzeiros. Hoje eu não sei qual o valor que seria, porque passou tanta moeda, né?, mas minha primeira folha de pagamento [foi de] 232 mil cruzeiros e que era suficiente para pagar uma pensão, porque a escola onde eu trabalhava era longe da minha casa; pagar o ônibus para vir até a escola porque eu estudava aqui no Neusa Massolini, atual, e na época eu parava lá na comunidade Linha Chinép. Inclusive, a comunidade onde eu parava tinha uma pensão no meio do caminho [refere-se à distância entre a escola onde estudava e onde lecionava].



O senhor José Flach teve a sua escolha profissional um pouco tumultuada, pois começou aos 12 anos a estudar num colégio de Irmãos lassalistas que preparava as crianças para tornarem-se professores. Mas aos 18 anos de idade já pensava diferente:

“Daí com 18 anos vi que ali não era meu caminho sai de lá e tinha até prometido que a última coisa [que eu] ia ser na vida era professor. Bem, aí acontece que a umas alturas faltou professor em uma comunidade que o professor era praticamente analfabeto (...) aí me convidaram e eu lutei e comecei gostando, né? E acabei gostando e então procurei estudar”.

Já dona Neiva conta que começou a lecionar após ter experiências com alguns trabalhos com crianças, realizado em Saudades/SC, cidade na qual estudava; como

“o pai pagava tudo e daí como eu ficava meio dia de ‘varde’ e tinha uma freira que trabalhava no jardim de infância, ela pediu pra mim ajudar ela. Eu ia todo dia de manhã no jardim de infância ficava lá a manhã inteira com ela. Se ela tinha que sair eu ficava e cuidava das crianças. Na hora do recreio eu servia a merenda pra eles, lavava a louça, eu fazia tudo, limpava e onde usavam. Tudo era eu que fazia”.

Quando saiu de Saudades dirigiu-se para Chapecó e começou a lecionar com algumas freiras na catedral, ligada a Diocese de Chapecó, para alfabetizar pessoas que não tinham condições.

## AS ESCOLAS

De acordo com as falas realizadas durante as entrevistas, as estruturas das escolas multisseriadas e isoladas encontravam-se em péssimo estado, não recebiam os devidos cuidados dos órgãos responsáveis, prejudicando a qualidade de ensino e levando os próprios professores a consertar as partes da estrutura defeituosa.

O professor Ângelo contou que no primeiro dia em que entrou em sala de aula já observou as péssimas estruturas em que a escola se encontrava:

No primeiro dia que eu cheguei na sala de aula o meu primeiro trabalho foi mandar buscar o martelo e pregar a porta da escola. Veja bem que situação, a gente pegou aquela escola, ali... lá dentro tinha uma mesa e aqueles bancos que sentavam 5, 6 alunos em cada banco, ainda que... que tinha aquele lugarzinho de pôr aquela garrafinha de tinteiro que chamavam né que se escrevia com aquela pena né. E daí eu fui ajeitando aquilo lá porque não

tinha nada, aquilo lá era uma casa aberta que no domingo (*inaudível*) lá dentro, imagina que me tocou ir pregar a porta pra começar.

Como o primeiro trabalho, Ângelo fala que pregou a porta referindo-se à estrutura que estava sendo usada como sala de aula. Estruturas essas que não estavam presentes apenas na comunidade em que lecionava; estavam também em escolas estaduais que tinham muitas carências, desde o próprio giz até falta de água, como diz a dona Zélia:

Tirava do meu salário pra compra o giz da escola. Um pincel se você precisava pra fazer um cartaz era do teu salário porque não existia verba para isso. Talvez existisse, mas não repassavam pra gente, depois com o passar dos anos quando eu fui pra Entre Rios<sup>1</sup> que daí eu me removi pra Entre Rios que fui pra lá e fiquei com 40 horas ali em baixo, aí começô a aparecê o giz na escola, começaram a... Os quadros meu Deus do céu! Uns pedacinhos de quadro assim caindo aos pedaços, tanto é que a gente mandô fazê uns quadro e tinha uma serraria e eu mandei fazê os quadros mandei pintar pra a gente ter na sala de aula porque não tinha quadro pra escrever, não tinha. Os bancos aqueles bancão comprido, de quatro, cinco alunos ... Lá, não tinha água na escola, tinha que buscá de balde, não tinha um tanque pras criança lavá os pés e as mãos, se fosse aí fora, não tinha nada, nada. Não tinha um banheiro, era aquelas privada lá longe lá em baixo, um buracão lá assim...

As péssimas condições das escolas não ficavam apenas na estrutura física. A carência de funcionários também atingia as salas de aula. A falta de funcionários fazia com que os professores assumissem lugares na administração e na organização da escola, como limpeza, merenda, cuidados com as hortas para colaborar com a alimentação escolar. A produção desses alimentos extras ajudava a complementar a precária merenda que vinha dos órgãos de educação, como fala dona Iracema:

Na época vinha uma merenda pra escola bem precária comparando com a de hoje, mas assim alimentos pra complementar então vinha um alimento X e nós complementávamos com o que a comunidade tinha. Então lá se fazia a sopa, se fazia o leite, os mingau; se trabalhávamos na sala com essa turmas às vezes 4 às vezes 2 como foi o meu caso e ainda tínhamos um reservado ali com um fogãozinho aonde a gente preparava a merenda e servia para as crianças.

Ao fazermos a pergunta a Iracema se era ela quem preparava a merenda, ela nos conta:

Nós preparávamos a merenda, então se distribuía as tarefas pras crianças. Enquanto eles faziam as tarefas no caderno, porque queira ou não queira,

---

<sup>1</sup> Entre Rios é um município de Santa Catarina, próximo de Xaxim.

aquelas crianças daquela época eram uns amores porque você determinava uma tarefa ninguém se levantava da carteira para sair, então eles trabalhavam. Enquanto isso, a gente ficava mexendo nas panelas...

Referindo-se ao preparo da merenda, que era precária, Iracema comenta o comportamento dos alunos enquanto ela se ausentava da sala de aula, por estar na cozinha preparando o alimento. Comenta que os alunos comportavam-se fazendo as atividades, o que lhe dava liberdade e confiança para assumir outros papéis fundamentais para o funcionamento da escola. Além de preparar a merenda, Iracema cuidava da limpeza interna e externa da escola e organizava as hortas que eram feitas no terreno da escola. As várias atividades que o professor acabava assumindo ao lecionar necessitavam de ajuda, então os alunos eram convocados a colaborar, explica Iracema.

Porque ali já vinha determinado terreno da escola, a gente organizava os canteiros, eles traziam os adubos, se plantava, se molhava e eles mesmos produziam. As limpezas também tudo era feito na base das crianças, por exemplo, ao sábado. Nós pegamos a época em que se trabalhava de segunda a sábado de meio-dia, só que no sábado era mais específico assim pra aula até 10 horas. Das 10 ao meio dia, 11:30, quinze pra meio-dia, ali, horário em que a gente trabalhava. Então era dedicado para faxina de pátios, de sala, enfim de tudo o que fazia parte da escola, mas bastante precário assim em todos os sentidos desde panelas a utensílios domésticos pra preparar merenda era bastante precário. Então a gente fazia assim o que a gente podia né? O que a gente tinha.

A ajuda recebida pelos alunos de Iracema com a merenda pode ser comparada com as experiências de Olímpio, que também menciona que eram escalados alguns alunos diariamente para colaborar com a limpeza da escola e da sala de aula:

Quem fazia a merenda escolar, certos momentos as mães se dedicavam, a gente, vizinha mais perto dava lá 100 metros os primeiros morador a comunidade a escola vivia ali mas longe 100 metro tinha outra. Então a mãe se prontificô em fazer muito tempo a merenda certas mães. Mas como também havia certo perigo da criança, era uma merenda que vinha feito sopa muito quente, se queimá a gente adquiriu fogão e tudo mais. Fazia tudo na escola. Mais tarde veio a merenda seca que daí piorô a situação. Graças a Deus que hoje as escolas tão recebendo a merenda na própria comunidade que é muito importante... que vinha aquela merenda de fora... lá de fora, aí não tinha muito valor. Na sala de aula praticamente era eu e os alunos que se virava. A criança tinha terminado a escalação, todo dia tinha dois alunos pra fazer limpeza ou fazia na hora do recreio ou fazia antes de entrar ou na hora do recreio ou na saída tinha que fazê a limpeza. E, o aluno fazia, Ainda mais

as menina que quando se dedicavam de fazê! Fim de semana era então escalado 5, 6 meninas 4, 5 pra fazer a faxina geral na escola. Então, a gente dava aula no sábado geralmente ou na sexta digamos até o recreio depois do recreio deixava livre, mas aquelas que eram escaladas tinham que fazê a limpeza. E, muitas vezes, as mães também vinham preparar a horta, limpar a sala, ajeitar a sala. Quando tinha uma festa, era muito lindo porque a comunidade prestava seu serviço, só pra contar que a gente fez inauguração da escola nova e nós trabalhamos com a comunidade deve ter foto da... em algum lugar guardado, foi muito lindo de ver o jardim da escola na frente e as autoridade se impressionaram. Então havia uma participação da comunidade e tudo como disse primeiro eles ajudavam na limpeza, ajudavam também nas festa.

Referindo-se às atividades da escola, Zélia toca no assunto de limpeza e conta que mães colaboravam na limpeza da escola, junto com alunos. Algumas vezes, aparecia um batalhão de pessoas para colaborar, como ela narrou:

(...) se tu dizia, ó gente, vai começá as aulas tal dia temos que fazê uma limpeza ao redor da escola, vinha um batalhão. Desde as mulheres, as moças pra lavar parede, lavá vidro, limpá calçada, tudo, tudo eles vinham e ajudavam em tudo. Uma faxina geral na escola. Ali quando tu precisa era só comunicá que eles vinham, os alunos que limpavam a sala a gente ficava... tirava 10, 15 minutos final do dia, até mães que vinham, às vezes, te ajudá a limpa fora a sala de aula e tudo. Eles ajudavam, coisa que hoje não existe mais, não tem mais.

A professora Neiva disse que, além de ministrar as aulas, tinha que fazer a merenda. Inclusive os alunos vinham para a escola no turno matutino sem alimentação; então ela explicava as atividades e retirava-se da sala de aula para a cozinha,

“ainda na escola tinha que fazer merenda né? Então eles já vinham de casa sem tomá café, loucos de fome os coitado. Então daí tinha que dá um trabalho pra eles, do ladinho da escola tinha uma cozinha daí pegava uns daqueles que eram da quarta série e iam lá ajudá a começa fazê uma sopa pra eles comer. Às 10 horas soltava, dava merenda e depois do recreio é que rendia mais porque antes não rendia muita coisa”.

Ao fazermos a mesma pergunta para a professora Zélia, a resposta foi diferente. Ela nos falou que em sua comunidade no interior de Xaxim, Anita Garibaldi, não se distribuía merenda para os alunos, mesmo sendo uma escola estadual, pois

(...) não existia merenda (...) merenda era os alunos que se traziam de casa, né? Uma batata, um pedaço de pão, qualquer coisa traziam de casa. Não existia merenda escolar naquela época, não existia merenda, não existia material escolar, não existia nada, nada. Se você precisava de um lápis pra

você escrever, uma borracha alguma coisa assim tinha que... eu às vezes comprava com meu dinheiro alguma coisa, desde um papel a uma cartolina era tudo do nosso bolso, a comunidade não tirava dinheiro pra isso.

Seu Ângelo explica o funcionamento da escola, em que o professor era responsável pelas atividades educativas e as atividades da escola em geral:

A gente tinha que cuidar da horta, da limpeza, da merenda e lavar a louça, porque vai mandar uma criança cuidá... cuidar da merenda no fogão não tem, por acaso se ela... ela por acaso se queimá o problema é da gente, então tinha que dá conta da sala de aula, vim pro gabinete ver como que tava a merenda e voltá pra sala de aula. No recreio distribuir a merenda, lavar a louça e partir pra sala de aula de novo e, cuidar da horta e... e, depois a limpeza da sala. Sempre de manhã a gente chegava bem cedo. Então, os alunos vinham e ajudavam a fazer a limpeza. Era assim que funcionava.

Os depoimentos colhidos dos professores mostram um pouco da vida do professor, que incluía outras atividades como preparo da merenda e limpeza, mostrando assim que as escolas multisseriadas isoladas não estavam sempre nos padrões que o Estado ou município fixava. Havia carência e dificuldades em todas as comunidades, então a participação de alunos e mães da comunidade se tornava indispensável para o funcionamento das escolas.

## **AS AULAS**

Como os professores entrevistados vieram para Xaxim de diferentes lugares e com início de carreira diversificado, as metodologias usadas para ministrar as aulas também não poderiam ser iguais. Cada professor explicou como executava suas aulas e os respectivos resultados, que demonstram semelhanças em alguns aspectos e em outros apontam grandes diferenças.

Scheibel falou das dificuldades encontradas dentro da sala de aula, pois não tinha experiência em lecionar. Tinha dificuldade em fazer os planos de aula, o que servia de base para desenvolver os conteúdos e controlar os alunos das quatro séries em que ele lecionava. Relatou-nos que os professores que já possuíam experiência o ajudavam, e assim foi aprendendo a lecionar e ensinar de formas diversificadas, como, por exemplo, colocando alunos a ajudar os próprios colegas:

Houve ajuda do professor Ângelo Priori. Ele também ajudou bastante: formar, montar o plano de aula. E todo dia tinha que fazer o diário. Então, havia a primeira série, segunda série, terceira série e quarta série, chamava-

se multisseriado. Então tinha que preparar as quatro matérias pros aluno, os quatro planos de aula pra depois no outro dia dar aula. Quer dizer, era um resumo daquilo que o professor dava em sala de aula. Eu trabalhava as quatro séries junto e, muitas vezes, eu montava a primeira e segunda, terceira e quarta ou então quarta e primeira, terceira e segunda e um aluno ajudava outro.

Ao falar sobre a organização dos conteúdos para as quatro turmas, Scheibel explica “*Bom, as disciplinas praticamente eram tudo conjuntas. O que a gente dava era Matemática e Português, que era o principal, porque depois que o aluno aprendeu a ler escrever, a somar, ele vai buscar seus próprios conhecimentos*”. Ensinando os mesmo conteúdos para as diferentes séries, ele criava uma metodologia para conduzir as aulas:

(...) então a gente dava primeira série era começa lá do ziguezague da primeira lettrinha, da letra B digamos, da letra A. Então, a coordenação motora era praticamente dado pelo primeiro ano, pelo primeiro dia de aula e logo o aluno aprendia porque havia a participação de outros, aí digamos a primeira série o primeiro tempo, ele começava a lettrinha A, aprendendo a lettrinha A depois vinha o E, O, U tudo essas quatro vogais, a coordenação motora era no primeiro turno depois vinham as letras. A segunda série ele começava já formando pequenas frases, por que ele já tinha aprendido no primeiro ano que dificilmente o aluno reprovava na primeira série, até julho ele aprendia, já começava a ler, e depois pra frente ele começava a escrever as letras e umas pequenas frases. E a segunda série do primeiro ano que vinha da segunda série começava já a formar frases, escrevendo. A gente orientava a formar frase e depois junta pequenos textos. E a terceira série então a gente formava, levava ele a fazê a já escrever texto, interpretar um pequeno texto. E a quarta série então a ampliação era maior que a gente dava a eles um texto maior e quando terminava, geralmente a quarta série terminava antes, então a gente voltava e ensinava a primeira série. Quem terminava primeiro ia ensinar outro aluno que tinha dificuldade. Então, era formado sempre... a gente levava toda a comunidade a formar um mutirão para que o aluno aprendesse. Era muito... muito... muito bem feito, pelo menos eu trabalhei nesse objetivo que o aluno aprendia, é claro que nem todos 100% porque tem aqueles que têm mais dificuldade.

Nem todos os alunos aprendiam 100%, como falou, mas ao trabalhar nesse sistema visava sempre à aprendizagem dos alunos pois, “*a gente buscava bastante a orientação pedagógica com os próprios administradores do município, livros, cartazes que a gente montava. Na sala de aula havia um quadro negro onde a gente dava a matéria. Dividia-se o quadro em quatro partes, um quadro de 2 metros e por uns 80cm de largura, dividia-se o quadro em quatro partes e dava os textos pro aluno, dava os material pro aluno trabalhar*”.

Com o professor Ângelo Priori a situação foi diferente. Sua escola não recebia materiais pedagógicos:

Bem, eu tinha um livro e a gente levou aquele livro pra começar a trabalhar. Naquela época os pais compravam materiais pros alunos, compravam os livros. Se comprava! Cada um comprava o material dele. Material, caderno, livro e cada um se viravam. Cada pai se virava com seus filhos pra comprar. Tudo era comprado, só que como era comprado ele era bem cuidado, né?

A professora Neiva contou que os alunos:

(...) chegavam na escola não tinham lápis, não tinham caderno, não tinham nada. Só vinham eles, os alunos. Tu tinhas que levar uma pilha de lápis, tinha que levar caderno. Primeiro dia, até que tu conseguias fazê uma reunião com pais, naquele tempo éramos nós que fazíamos a reunião. E, colocar na cabeça dos pais que tinham que trazer um caderno e um lápis pelo menos pra escola, que nem isso eles não davam pras crianças. (...) Eu que comprava tudo, comprava material e levava. Como é que ia ensinar se não tinha outras coisas?

Quando Neiva dirigiu-se para ministrar as aulas em Vila Diadema<sup>2</sup>, a escola recebia alguns materiais, mas também apresentava situação precária na estrutura pedagógica, levando os pais dos alunos a adquirir alguns livros, como reforça seu marido, José Flach:

Não existia é claro uma legislação em cima das matérias e tal, mas existia pouco. Muito precário material, isso é, precaríssimo. De uma escola dessas multisseriadas por sinal a aqui minha companheira, minha esposa trabalhava aqui, era uma das mais bem localizadas é uma das poucas que tinha mimeógrafo, por exemplo. Mimeógrafo era um luxo, não tinha, não existia. Então o que se aprendia na escola? Alguns livros. A maioria deles tinha que ser adquirido pelos pais mesmo para as crianças. Um quadro negro era muito ruim...

Na comunidade em que Olímpio lecionava a comunidade ajudava com materiais concretos que eram usados em aulas práticas, como produtos agrícolas que colaboravam bastante nas aulas de Matemática, Português e até Ciências nas tentativas de desvendar a origem de tal produto:

A própria comunidade também trazia bastante materiais. Assim, digamos, concreto. Produto agrícola e desse produto agrícola a gente trabalhava em cima. Por exemplo, o pai trazia digamos milho, uma espiga de milho e dessa espiga de milho a gente contava os grão pra formá... Matemática pra

<sup>2</sup> Vila Diadema é um distrito do município de Xaxim/SC.

primeira série, da espiga de milho a gente mandava formar pequenas frases. Também a segunda série pra vê o que dá do milho e a terceira formava um pequeno texto [sobre] pra que serve? Qual é a utilidade de milho? Tinha que transcrever, tipo uma composição, uma descrição. E a quarta série fazia texto maior. Então, a gente buscava orientação pedagógica pelos próprios colegas a gente trabalhava bastante. Nós nos reuníamos mensalmente. Todo mês tinha reunião e a gente se entrosava e buscava esse conhecimento junto com a própria direção, professores e na própria comunidade.

A ajuda da comunidade com materiais pedagógicos também foi relatada pela professora Iracema ao se referir às metodologias usadas em sala de aula: *“Se estudava na medida que a gente conseguia... vendo a necessidade da própria comunidade porque a gente aproveitava muito o que a comunidade tinha. (...) é uma região completamente agrícola, então nós aproveitávamos os recursos comunitários pra puxar pra sala de aula”*.

Além dos materiais concretos e complementares, Olímpio diz que era utilizado um livro didático, cujo nome não recorda, mas lembra que era muito bom, porque trazia os conteúdos de maneira simples, o que ajudava no processo de ensino das crianças desde o primeiro dia de aula.

Com a professora Zélia o início foi um pouco diferente, pois ela não começou com as quatro séries – iniciou com a terceira e quarta enquanto a outra professora cuidava da primeira e da segunda série; devido ao número de alunos havia a divisão e duas professoras. Zélia entrou em sala de aula sem experiência nenhuma, admitindo ter sofrido por isso, como relatou:

Era difícil, eu pegava, por exemplo, assim ó, digamos o conteúdo de Matemática era a quarta série um pouquinho mais adiante o mesmo assunto, dentro do mesmo assunto só que a quarta série mais forte, pouca e mais facilzinha sempre a mesma coisa, se por exemplo, eu estudava com a... aquela época não me lembro mais porque é tanto... tantos anos, quase 40 anos né? Faz mais, 42 anos. Eu pegava o... digamos alguma coisa do Brasil pra quarta série e eu pegava o de Santa Catarina, então integrava né? Fazia associação, os rios do Brasil, os rios de Santa Catarina, a população do Brasil a população de Santa Catarina, daí a terceira era uma coisa e os outros só que acabavam tudo aprendendo tudo a mesma coisa.

Seu Ângelo também colocava os alunos mais velhos para ajudar os mais novinhos, principalmente com Matemática, que na época ele conta que tinha de ser decorada.

Bem, às vezes, tinha aqueles de quarta série mais adiantados. Às vezes, se ocupava uma [criança] ensinar a outra, sentar perto ensinar a fazer letra bonita. Às vezes, ensinar mais um pouco a ler ou a tabela. Naquela época,



tinha que saber na ponta da língua. Então, a gente colocava uns lá pra saber ensinar um pouco a tabela.

Era assim que as coisas funcionavam, diz Ângelo, era assim que ia conseguindo ensinar as crianças e vencendo seu trabalho. Claro que enfrentava problemas com a merenda, estrutura escolar e limpeza, que tiravam o tempo que podia se dedicar à sala de aula. Como lecionava o dia inteiro,

(...) as aulas, tinha que preparar à noite. A gente tinha que ensinar é o Português. Hoje seria o Português a Matemática e na época se chamava os Estudos Sociais que englobava História, Geografia, Ciências e o dito conhecimentos gerais e vinha moral em cima, tá entendendo? E tinha que saber. Agora vamos supor que o professor da quarta série ele tem que estar por dentro de todas essas matérias ele não pode (...) tá por dentro de Geografia e, às vezes, claro todo professor entende todas as matérias, mas às vezes, não tava por dentro, mas tinha que estar. Não podia ser assim dá uma mancada porque dali quebrava. A gente tinha que estar bem afinado e de noite a gente preparava as matérias pra aplicá em sala de aula.

O professor Ângelo conta como organizava as diferentes turmas e revela que seguia um plano para realizar as aulas:

É que a gente tinha um currículo escolar né? Bom, primeiro ano tu tem que começar com... Começar sempre com o mais pequeno de lá de baixo e ir subindo. Então, nós tínhamos um currículo escolar que foi lá por volta de 65, 67 (...) E, então, a gente vinha ensinando por exemplo... começávamos por adição, então a primeira parte a gente... os número de um a dez, quando eles conheciam os números de um a dez já partia pra de 10 a 20, 10 a 30, 10 a 40. Quando vinha a parte da adição a gente começava lá e vamos pro quarto ano, terceiro e quarto já tava bem pra frente era fácil mesmo. Não era difícil trabalhar.

Para realizar as aulas que eram planejadas e guiadas pelo currículo escolar, eles não tinham muitas alternativas além do quadro. Seu Ângelo narrou que também ensinava conteúdos práticos do dia a dia. Fazia os alunos irem até o quadro mostrar o que aprenderam usando palavras e desenhos, como se refere ao exemplificar uma aula sobre medição de terras:

Por exemplo, se fosse pegar um quadrado de seis por oito. Seis por oito dá 48 metros quadrados. Então, a gente desenhava porque na época se escrevia sempre no quadro, porque não tinha alternativa. A gente ia ao quadro com uma régua ensinava lá, mostrava. Chamava o aluno no quadro pra ver se ele tinha entendido, ele ia lá e desenhava e mostrava essa parede com tanto mais... tanto mais tanto...

A professora Neiva ao narrar como elaborava as aulas informou que também se guiava com materiais como um livro onde:

Naquele tempo tinha um livro grandão e lá tinha tudo naquele livro o que era para ensinar pras crianças. Então cada dia que a gente ia lá vinha uma parte daquela... Começava lá com silabação. Então um dia era B mais A igual a Ba. Outro dia era outra e daí via a história daquela sílaba, daí ensinava a sílaba. Ensinava as palavras, daí ensinava os texto. Naquele livro tinha tudo, a gente seguia aquele livro da freira. Primeira coisa que se ensinava pras criança era o A,B,C né? E depois eles iam ajuntando o V com A, o V com E eles iam ajuntando formando as sílabas, mas primeiro de tudo sempre... antigamente que a gente ensinava primeiro ensinava o A,B,C daí quando eles aprendiam o A,B,C tudo de cor e depois quando eles começavam a juntar eles aprendiam, daí já tinha o livro vinha com tudo. Aqueles que sabiam pouquinho eles iam ajuntando e formando a sílaba e daquela sílaba tinha todas as palavras que eles estudavam quando eles sabiam todas as palavras eles liam o texto. Só ia pra frente quando eles sabiam.

Algumas vezes, segundo Neiva, as turmas multisseriadas eram divididas,

“geralmente tinha um quadro só. Tinha que dividir pelo meio era bem pequenininho o quadro. Então a quarta série que tinha livros a gente trabalhava mais com eles com os livros porque davam trabalho. A primeira série ocupava mais o quadro, porque naquele tempo não tinha outra coisa pra ensinar pros alunos, eram um livrinho e o quadro. Não tinha muita coisa, então ‘ponhava’ a primeira de um lado da sala e a quarta de outro”.

Quando a sala de aula era composta pela primeira série junto com a segunda,

“começava a ensinar os da primeira e depois já ia dando os exercícios, as palavras pra formar as frases. Fazer texto e coisarada. Pra segunda que já era mais forte um pouquinho, porque, geralmente, a segunda (...) não sabia l. Era pior que a primeira, tu tinha que ensinar as duas turma ler, porque os que estavam na segunda só por estar não sabiam ler, não sabiam nada né, daí era bem fracos”.

Nas escolhas de aula<sup>3</sup>, realizadas nas secretarias de educação do município ou nas escolas da comunidade, Neiva falou que *“ninguém nunca gostou dessa história, nunca ninguém quer a primeira série. Todos querem as outras séries, porque a primeira série depende de tudo da professora. Tem que pegar na mão, tem que começar a ensinar escrever, tem que começá fazê tudo.”*

---

<sup>3</sup>Os órgãos responsáveis pela educação, no início do ano, faziam as escolhas de aula. O professor que desejasse lecionar apresentava-se e era classificado de acordo com sua formação e tempo de serviço. De acordo com a colocação na classificação o professor ganhava a preferência em escolher a escola e série que iria lecionar naquele ano.

Várias formas de lecionar e diversas dificuldades internas e externas à escola cercavam os professores, que demonstraram improvisos e técnicas que aprendiam com colegas ou eles mesmos criavam para proporcionar o aprendizado dos alunos de primeira à quarta série, que estudavam no mesmo espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentou como tema a educação no oeste de Santa Catarina, no período de expansão da escolarização na região. Trabalhamos com os depoimentos dos professores que vivenciaram a expansão das estruturas escolares, a falta de docentes com formação, o imprevisto das metodologias, a falta de materiais didáticos, etc., que acabaram construindo formas peculiares de construção do processo de escolarização em muitas comunidades de agricultores em uma vasta região do Estado de Santa Catarina.

Baseando-se nas experiências do cotidiano dos professores que colaboraram com a construção da educação regional, pode-se entender que o processo esteve acompanhado de dificuldades, que vinham da estrutura escolar, por serem estruturas precárias e sem investimentos, pois abrangia a limpeza, alimentação e administração escolar, sendo que muitas vezes cabia ao professor assumir esses cargos. A docência, muitas vezes, acabava ficando em segundo plano devido à não existência de professores, necessidade suprida de forma improvisada, quando então as pessoas mais instruídas da própria comunidade eram convidadas a lecionar. Porém, o que marca essas memórias e experiências narradas é a garra e a vontade de que as crianças aprendessem apesar de todos os obstáculos.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas, v.2).

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.185-236. (Obras escolhidas, v. 3).

\_\_\_\_\_. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Antropos, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: O discurso competente e outras falas**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

DEPOIMENTO ORAL DE: Ângelo Priori, 27/2/2009.

DEPOIMENTO ORAL DE: Iracema de Marco, 27/2/2009.

DEPOIMENTO ORAL DE: José Arlindo Flach, 24/3/2009.

DEPOIMENTO ORAL DE: Neiva Terezinha Flach, 20/3/2009.

DEPOIMENTO ORAL DE: Olímpio Scheibel, 27/2/2009.

DEPOIMENTO ORAL DE: Zélia Cecatto, 27/2/2009.

GÓMEZ, Angel Pérez. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor (a)**. 2005.532f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. No diálogo com Thompson e Benjamin, a busca de ferramentas para pensar o fazer-se professor. **Revista Pedagógica**. Chapecó, v.1, n.16, p.107-135, jan/jul 2006.

\_\_\_\_\_. Do formar ao fazer-se professor. In: MONTEIRO, Ana Maria et alli (Orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2007, p.157-171.

PINTO, Julio Pimentel. Os muitos tempos da memória. In: **Trabalhos da Memória**. Projeto História – n. 17. São Paulo: EDUC, 1998, p.203-211.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria – ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.